

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS - UFMG

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - FAFICH

Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Comunicação
Processos Comunicativos e Dispositivos Midiáticos

Roberta Greice da Silva Nuvem

**A DIMENSÃO CONFIGURANTE DA NARRATIVA JORNALÍSTICA:
Massacre de Realengo nas capas de *Veja*, *IstoÉ* e *Época***

**Belo Horizonte
2012**

Roberta Greice da Silva Nuvem

**A DIMENSÃO CONFIGURANTE DA NARRATIVA JORNALÍSTICA:
Massacre de Realengo nas capas de *Veja*, *IstoÉ* e *Época***

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Latu Sensu* em Comunicação Processos Comunicativos e Dispositivos Midiáticos da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito à Especialização.

Orientador: Leandro Lage

Belo Horizonte

2012



Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade De Filosofia E Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social

**Ata da Defesa do Trabalho de Conclusão de *Roberta Greice da Silva Nuvem*
Número de Registro na UFMG 2012688670**

Às dez dezoito horas do dia dez de dezembro de 2012, na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, reuniu-se a comissão examinadora constituída pelos professores Prof. Leandro Rodrigues Lage (orientador – Universidade Federal de Minas Gerais) e Prof. Phellipy Pereira Jácome (Universidade Federal de Minas Gerais). A comissão reuniu-se para julgar o trabalho final da aluna Roberta Greice da Silva Nuvem, intitulado: **“A dimensão configurante da narrativa jornalística: Massacre de Realengo nas capas de *Veja*, *IstoÉ* e *Época*”**, requisito parcial para obtenção do **Grau de Especialista em Comunicação Social** da Universidade Federal de Minas Gerais, **área de Processos Comunicativos e Dispositivos Midiáticos**. Abrindo a sessão, o Presidente da Comissão, Prof. Leandro Rodrigues Lage apresentou a banca e em seguida passou a palavra à candidata para apresentação de seu trabalho final. Após a apresentação, seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa de Roberta Greice da Silva Nuvem. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença da candidata e do público, para julgamento e expedição do resultado final. A Comissão Examinadora julgou a candidata **apta a receber o grau de Especialista em Comunicação Social, com a nota de 82 no Trabalho de Conclusão**. O resultado final foi comunicado publicamente à candidata pelo Presidente da Comissão que encerrou a sessão, lavrando assim, o presente documento, que será assinado por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 10 de dezembro de 2012.

Prof. Leandro Rodrigues Lage
UFMG

Prof. Phellipy Pereira Jácome
UFMG

RESUMO

Partindo do princípio de que as capas são espaços privilegiados de produção de sentidos, este artigo propõe analisar a configuração narrativa operada pelas revistas *Veja*, *Época* e *IstoÉ* na cobertura do massacre de Realengo, ocorrido em abril de 2011. Utilizando-se, principalmente, de conceitos que tratam das narrativas jornalísticas do acontecimento, este ensaio se propõe observar a configuração narrativa daquele trágico evento nas capas das revistas citadas, em suas primeiras edições relativas àquela cobertura. Busca-se compreender, a partir de recorrências e gestos singulares, as estratégias narrativas das quais as três revistas semanais de informação lançaram mão para configurar aquele acontecimento.

Palavras-chave: Narrativa. Acontecimento. Configuração. Realengo. *Veja*. *IstoÉ*. *Época*.

1. INTRODUÇÃO

Propõe-se discutir, neste trabalho, possíveis contribuições da hermenêutica da configuração narrativa como proposta discutir o modo como capas de revistas operam uma configuração narrativa do acontecimento. Para isso, será investigada a abordagem do acontecimento conhecido como “massacre de Realengo” nas capas das revistas *Veja* n. 2212 em 13 de abril de 2011, *IstoÉ*, Edição 2161, e *Época*, Edição 673, respectivamente, ano do acontecimento da tragédia, considerada marcante no Brasil.

O crime ocorrido em 07 de abril de 2011, no Rio de Janeiro, foi veiculado por meio de reportagens especiais sobre o Massacre de Realengo. O atirador, identificado como Wellington Menezes de Oliveira, ex-aluno da escola, que se matou em seguida, invadiu a Escola Tasso Silveira. A escola foi palco de uma chacina doze crianças mortas violentamente por arma de fogo. Wellington chegou por volta de 8h30, foi até a escola dizendo que daria uma palestra para os alunos e teve o acesso livre para se dirigir até às salas de aula. Ele carregava dois revólveres e uma grande quantidade de munições. De acordo com a polícia, o crime foi premeditado, pois Wellington deixou uma carta com instruções de como deveria ser enterrado após cometer suicídio. Das doze vítimas fatais entre 12 e 14 anos, dez eram meninas. Wellington atirou em si após a chegada da polícia. Na *Época*, segundo o noticiário, o assassino teria sido motivado pelo *bullying*¹ que sofreu enquanto frequentava a escola.

No que diz respeito ao jornalismo, é interessante investigar as narrativas daquela cobertura, explorando as diferentes possibilidades de tessituras nas capas revistas. À luz do acontecimento, o presente estudo irá permear pelos elementos textuais que compõem as narrativas, trabalhados pelos autores Carlos Alberto de Carvalho (2010) e Luiz Gonzaga Motta (2004).

Trata-se de um tema amplamente discutido após os relatos sobre o episódio, em que a violência invadiu uma escola e deixou cicatrizes emocionais aos que sobreviveram à chacina. A notícia do crime repercutiu na mídia nacional e internacional. O acontecimento e sua repercussão justificam-se nas três revistas, pois as capas são interessantes para estudar a configuração da notícia sobre o massacre de Realengo. Ao lado de tantas questões abertas por aquele acontecimento, uma indagação recorrente: De que modo as três revistas configuraram aquele acontecimento em suas capas e o que isso diz respeito à dimensão narrativa do jornalismo?

¹ *Bullying* são atos de violência física ou psicológica, intencionais e repetidos, praticados por um indivíduo, o termo vem do inglês. Podem ser exercidas por um ou mais indivíduos e são capazes de causar dores, angústia, e tem o objetivo de intimidar ou agredir a outra pessoa. O *bullying* geralmente é feito contra alguém que muitas vezes não consegue se defender e não entende os motivos daquela agressão gratuita. A vítima geralmente teme os agressores, por ser violentada física ou sexualmente e, é no isolamento social que procura sua segurança. Disponível em: <http://www.significados.com.br/bullying/>

As três revistas de maior circulação: *Veja*, *IstoÉ* e *Época*, seis dias após o crime, publicaram matérias especiais em suas edições. A escolha das revistas se dá, inicialmente, pela abrangência em termos de circulação. Também nos conceitos teóricos que abordaram o jornalismo como meio de configuração do acontecimento e, por sua vez, a singularidade e a tessitura da intriga. Neste ensaio, serão observados aspectos relativos à configuração narrativa do acontecimento nas capas, a partir de textualidades.

2. JORNALISMO E CONFIGURAÇÃO NARRATIVA

Segundo Carvalho (2010, p. 10), para narrar a atualidade, o jornalismo lança mão de variadas estratégias narrativas, às quais, a despeito de qualquer que seja a intencionalidade de criar efeito, sempre corresponderão formas de leitura potencialmente tão múltiplas quanto o própria quantidade de leitores. Nesse sentido, o gesto jornalístico de tecer uma narrativa está para além da produção de um simples relato de um acontecimento, mas diz também de seu surgimento a partir de um mundo prefigurado e de sua interpretação sempre sujeita às diversas possibilidades de leitura.

Para Motta (2004) o jornalismo tende para o que chama de *showing*², não só porque dramatiza os fatos, atribui importância aos personagens e suas falas, mas principalmente porque o narrador jornalístico procura se distanciar e deixar as conclusões éticas, morais e política para os leitores e ouvintes. Então, torna-se necessário discutir o jornalismo em sua dimensão narrativa, no sentido de observar as capas das revistas em seu gesto de configuração do acontecimento, sujeito às perspectivas de cada revista, mas, num âmbito mais amplo, às estratégias mais gerais que regulam a construção narrativa do jornalismo.

Vale ressaltar que a narrativa “é um procedimento representativo dominado pelo relato de eventos que configuram o desenvolvimento de uma ação temporal (cronológica) que estimula a imaginação” (MOTTA, 2004). No entanto, em seu carácter ambíguo abre espaço a contradições conhecidas na polissemia do termo. No dicionário de Teoria da Narrativa de Reis e Lopes (1988, apud Motta, 2004) chama a atenção para esse conceito, observando que ele corresponde à ancestral concepção da *narratio*, parte do *dispositivo* da retórica clássica que se refere à organização do discurso. Nesse viés, o saber jornalístico partilha, por um lado, características da narrativa singular, por outro é caracterizado pela estratégia descritiva do acontecimento de forma mais abrangente. Do mesmo modo se configura o relato de forma verossímil de maneira a induzir a participação do leitor. Para o autor, se a singularidade do contar é fixar as ações em uma sucessão temporal, é preciso observar de perto essa

² O *showing* é a técnica de representação dramática que mostra uma sucessão de cenas e revelam situações particulares (MOTTA, 2004, p 4).

particularidade narrativa antes de observar a questão do envolvimento do leitor. Segundo Carvalho (2010),

retomando o início dessas reflexões, se narrar é dar sentido ao mundo, as narrativas jornalísticas, tal como propõe Adelmo Genro Filho, são capazes de nos fazer, a partir da singularidade, as conexões mais amplas com o particular e com o universal (CARVALHO, 2010, p. 12).

No que diz respeito ao jornalismo como configuração narrativa que, por sua vez, intervém na conformação das atividades sociais e que afetam o cotidiano dos indivíduos, basta recordar as construções operadas por meio das capas das três revistas, consagradas ao trágico acontecimento de abril de 2011.

Segundo o filósofo Paul Ricoeur, o paradigma narrativo se torna produtivo na conjugação entre intriga e tempo. O autor resume sua abordagem da narrativa afirmando que, através da configuração de intrigas, “seguimos o destino de um tempo prefigurado em um tempo refigurado pela mediação de um tempo configurado” (RICOEUR, 1994, p. 87). Sobre esse aspecto, Motta comenta:

Para Ricoeur, existe entre a atividade de narrar uma história e o caráter temporal da experiência humana na correlação que não é puramente acidental (...) O tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de um modo narrativo e a narrativa atinge seu pleno significado quando se torna uma condição da existência temporal”. (MOTTA, 2004, p. 8).

Para o autor, as notícias são narrativas porque transformam as tragédias humanas em relatos dramáticos. Nessa perspectiva, Luiz Gonzaga Motta (2004, p.16) ainda afirma que para compreender a experiência da recepção no jornalismo, na esteira de J. Redfield sobre a arte dramática, o jornalismo “atinge seu clímax e apogeu intelectual quando nos revela o caráter universal e perverso das tragédias que diariamente conta”. E, dando continuidade ao pensamento do autor, “os jornalistas estão continuamente testando os limites de nossa cultura, de suas normas, valores, regras e jurisprudência”. Para Motta, o caráter mimético do jornalismo se revela com mais força quando propõe uma observação fragmentada das notícias de cada dia como sequências interruptas de episódios singulares que configuram encadeamentos narrativos unitários como intrigas com princípio, meio e fim.

É na imaginação dos leitores que se constrói a fabulação (moral e ética) dos fragmentados eventos diários. Na observação narrativa e pragmática da comunicação pode-se, então compreender os processos cognitivos e simbólicos dessa fabulação do real. Essa questão nos remete à discussão, no âmbito da historiografia, sobre a história narrativa e particularmente sobre a história do presente, sobre acontecimento histórico e o acontecimento jornalístico, e nos favorecem elementos necessários para a conclusão de nossa reflexão sobre o caráter narrativo do jornalismo. (MOTTA, 2002 e 2003. p. 17).

Portanto, nas capas de revista, como em outras seções desses dispositivos dedicadas especificamente a narrar os acontecimentos do ponto de vista jornalístico, a produção da notícia se apresenta de forma heterogênea atribuída a várias instâncias e alavancada numa associação complexa entre diferentes textualidades, modificando consideravelmente a representação do acontecimento numa narrativa que se encarrega – embora não sozinha – de atribuir sentido ao acontecimento, articulando adequadamente palavras e imagens, através do título, legenda e breves textos que acompanham as imagens.

3. UMA LEITURA DAS CAPAS DAS REVISTAS

Para observar o modo como as revistas semanais de informação configuram narrativamente os acontecimentos do cotidiano social em suas capas, elegemos como “lugar de observação” as revistas *Veja*, *IstoÉ* e *Época*. As três revistas lideram o ranking de tiragem da ANER³ (Associação Nacional de Editores de Revistas). O objetivo é perceber estratégias narrativas recorrentes do modelo canônico de jornalismo a partir da maneira como essas publicações configuraram em suas primeiras páginas o acontecimento que ficou conhecido como “massacre de Realengo”. Trata-se de uma leitura ensaística, cuja pretensão é partir das teorias do jornalismo que têm “bebido” na hermenêutica narrativa para retirar lições relativas à configuração narrativa nas capas, lugar intermediário entre um fora e um dentro do dispositivo revista.

É elementar afirmar que a configuração narrativa, nas capas das revistas, objetiva capturar a atenção do leitor, ao mesmo tempo em que o instrui na maneira adequada de ler uma determinada notícia. Para evitar o reforço dessas conclusões fortemente ancoradas em crenças do campo profissional, buscamos definir alguns operadores que tornarão possível levar adiante a análise proposta.

- 1) A fotografia ou imagem principal;
- 2) As chamadas verbo-visuais;
- 3) O lugar dos personagens;
- 4) A organização dos elementos textuais.

A capa pode entendida como primeiro contato do leitor, ou seja, um lugar intermediário para quem passa em frente às bancas. É ela que torna a revista o produto de consumo de informação para os leitores. Marília Scalzo (2004, p. 62) diz que a capa “precisa ser o resumo irresistível de cada edição, uma espécie de vitrine para o deleite e a sedução do

³ <http://www.aner.org.br/>

leitor”. A capa é reveladora não apenas da perspectiva editorial da revista, mas principalmente de uma identidade da publicação.

3.1 *Veja*

Figura 1 – *Veja*



Fonte: Revista *Veja* – Edição 2212 – 13 de abril de 2011

Na capa da revista *Veja*, o predomínio da cor vermelha, num típico artifício de remissão ao banho de sangue provocado por Wellington Menezes de Oliveira, após assassinar as doze crianças. A imagem do atirador também aparece desfocada, ao fundo, com uma tarja de cor preta na boca como se o calasse. O título “O monstro mora ao lado” carrega o peso de um julgamento, especialmente por estar diretamente ligado à imagem do atirador. Em seguida, a falsa dúvida da revista: “Como saber quando a loucura assassina emergirá das camadas profundas de anos de humilhação, solidão e frustração?”.

Através da capa se pode perceber uma sensação de agonia, morte e terror. Para Bernardo Vaz (2012, p.114), num trabalho também consagrado às capas das revistas semanais de informação na cobertura do massacre de Realengo, pode-se deduzir, portanto, a extraordinária força da onda propulsionada por *Veja*, ao disseminar o terror como sensacionalismo desta capa. A revista, diz Vaz, procurou avizinhar a tragédia de cada leitor para que ele próprio concluísse: “isso me concerne”. Para o autor a intriga da *Veja* não

poderia ser mais diretiva, uma passada de olhos na capa faz com que o leitor se enteneça com o olhar do “monstro”.

Na história tecida por *Veja*, além de Wellington, nós também somos personagens. Estamos constantemente sob a ameaça de sermos vítimas de monstros que habitam “ao lado”. Somos tomados e incluídos na história pela tonalidade forte, pelo olhar aparentemente inocente de um jovem capaz de assassinar crianças no interior de uma escola pelo torpe motivo da vingança. Aquela narrativa como que se volta para um “fora” da revista, na tentativa de não encerrá-lo numa história singular, mas de torná-lo algo sempre possível.

3.2 *IstoÉ*

Figura 2 – *IstoÉ*



Fonte: Revista *IstoÉ* – Edição 2161 – 13 de abril de 2011

Na capa da *IstoÉ* também é predominante o uso da cor vermelha. A fotografia do rosto de Wellington também aparece recortada na capa. Em *IstoÉ*, trata-se de explicar o acontecimento pela dor imputada às vítimas. A revista estampa em sua capa a imagem de uma mãe desesperada. Na chamada principal, nada de a monstruosidade dá lugar ao “terror”. Em caixa alta, a revista escreve: “O terror chega à escola”. Não se trata apenas de concernir o leitor a um problema generalizado e iminente, tal como em *Veja*, mas de convocá-lo a se comover com a dor. Como argumenta Vaz:

[...] Ao impulsionar dramaticamente a onda do acontecimento, *IstoÉ* parece querer comover o leitor, invocando uma estranha compaixão, tanto para a dor lancinante das vítimas, quanto para a ternura do próprio algoz, um jovem bem aparentado, meigo, pacato, cuja expressão facial não dá indícios de seu desvario. (Vaz, 2012, p. 115)

Desta forma, foi possível verificar que o apelo da revista *IstoÉ*, ficou por conta da imagem de sofrimento da mãe que remete ao sangue das vítimas derramado, predominância da cor vermelha, demonstrando que aquela mãe foi atingida. De acordo com Vaz (2012), a dramaticidade da capa é paradoxalmente atenuada pela fotografia colorida do assassino, na parte inferior da capa, reproduzida em menor proporção que os rostos das mulheres. A história que *IstoÉ* começa a contar em sua capa é sobretudo uma história de injustiça e sofrimento. O vermelho já não remete somente à violência, mas ao alerta, à urgência de um acontecimento trágico que “invade a escola”, onde estudam nossas crianças.

3.3 *Época*

Figura 3 – *Época*



Fonte: Revista *Época* – Edição 673 – 13 de abril de 2011

A *Época* optou pelo luto, ao contrário de utilizar o tom vermelho, assim como usar a imagem de Wellington ou do sofrimento de uma mãe. A revista trabalhou com a informação em tom preto e cinza e representou o atirador apenas como uma sombra em tom cinza, o vermelho foi disposto nas aspas. A revista investiu na intensidade do acontecimento no dia do

massacre com uma frase ameaçadora do próprio Wellington: “Vou matar vocês. Não adianta fugir”, ao contrário da *Veja* a revista deu voz ao atirador. O gesto de *Época*, no entanto, não deixa de se assemelhar ao de *Veja* no que diz respeito à interpelação do leitor quando a um problema que lhe concerne e lhe ameaça. A frase usada por Wellington contra suas vítimas é, agora, voltada ao leitor, vítima indireta.

Wellington é o único personagem da história de *Época*. Ainda assim, aparece sob a forma de silhueta, identificável somente pela frase entre aspas e pela descrição da autoria das palavras. *Época* mergulha o acontecimento numa escuridão profunda, onde o luto convive com as dúvidas sobre as razões do atirador. Trata-se de um acontecimento cuja violência não se deixa representar facilmente. Para Vaz, a revista fez de sua capa uma página de história em quadrinhos, “cuja linguagem tradicionalmente ensinou ao seu mundo de leitores que o mal se revela em personagens feios, desfigurados e demonizados” (2012, p.115).

Permanece, ao fim e ao cabo, certa vontade de ver o que a capa não permite. Como se à escuridão do acontecimento se opusesse o interior da revista, com uma narrativa “completa” daquele episódio ameaçador. Além disso, o protagonista Wellington teve duas configurações diferentes, para a *Veja* a imagem dele teve a boca amordaçada pela tarja preta (sem voz), já na *Época* a imagem dele, em forma de silhueta escura, ganhou “fala”.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A configuração do acontecimento operada pelas narrativas jornalísticas é um importante lugar de observação se queremos perceber os modos pelos quais experimentamos grande parte dos acontecimentos sociais. Nesse sentido, as capas das revistas ocupam um espaço privilegiado em que o acontecimento ganha novas matizes para ser confrontado ao leitor. As primeiras páginas se tornam, assim, reveladoras não apenas de estilos e opções editoriais, mas principalmente dos modos de dizer dos quais o jornalismo lança mão para qualificar os acontecimentos como aquilo que nos diz respeito.

Veja utilizou-se da imagem de Wellington e da metáfora do monstro que “mora ao lado”, numa tentativa de avizinhar o acontecimento que se quer distante – que sempre foi, aliás, considerando o ineditismo do massacre de Realengo ao menos em número de vítimas e a recorrência de acontecimentos como esse em outros países, especialmente nos Estados Unidos. *IstoÉ* publica em sua capa a fotografia de uma mãe desesperada e tece a história de um acontecimento violento, mas que suscita sobretudo compaixão àqueles que o acompanham de longe. *Época*, por seu turno, pinta o acontecimento com traços de um desenho sem formas e cores definidas. Wellington é apenas uma silhueta que surge na penumbra para nos assustar.

O acontecimento é narrado tão somente como uma provocação, um convite à leitura de uma história propositalmente incompleta, mal definida.

Nas capas de todas as revistas, Wellington ocupou lugar central enquanto personagem daquele trágico acontecimento. O atirador é instituído como o sujeito-do-acontecimento, aquele sem o qual nada teria ocorrido. É o portador de todos os mistérios do acontecimento. Wellington aparece nas capas como a face visível do que ocorreu, elemento composicional primário para a identificação da cobertura em sua correlação com o que se passou na escola Tasso da Silveira naquele 7 de abril. Ao mesmo tempo em que se lançam na busca por configurações narrativas singulares, associáveis às perspectivas editoriais de cada publicação, as revistas não prescindem desse elemento comum de identificação, espécie de núcleo central do acontecimento a partir do qual se parte para dele falar.

Obedecendo ou não o convite à leitura da revista que nos é feito pelas capas, ao serem dispostas nas bancas e ao circularem como imagens aforísticas, as primeiras páginas compõem o horizonte significante daquele acontecimento, dizendo-nos por onde começar a lê-lo e a vê-lo. A questão que se coloca, e que deixaremos em aberto em razão do escopo deste ensaio, é aquela relativa justamente ao que fica de fora, ao que não entra nessa face visível do acontecimento revelada pelas capas.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, Carlos Alberto. **A tríplice mimese de Paul Ricoeur como fundamento para o processo de mediação jornalística**. Revista eletrônica e-Compós, 2010.
- CARVALHO, Carlos Alberto; LAGE, Leandro. Narrativa como mediação fundamental da experiência dos acontecimentos: A mise en intrigue midiática. **Contemporânea** Comunicação e Cultura, vol. 10 – n. 0. 2012.
- ISTOÉ*, 2011. Fonte: **Revista IstoÉ**. Edição 2161: 13 de abril de 2011.
- ÉPOCA*, 2011. Fonte: **Revista Época**. Edição 673:13 de abril de 2011.
- GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre: Tchê!, 1987.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. **Jornalismo e configuração narrativa da história do presente**. Revista eletrônica e-Compós, 2004.
- RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa – Tomo I**. Campinas: Papirus, 1994.
- _____, Paul. **Do texto à acção**. Trad. Alcino Cartaxo e Maria José Sarabando. Porto: Rés-Editora, 1991.
- SCALZO, Marília. **Jornalismo de Revista**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- VAZ, Paulo Bernardo. "Na onda dos acontecimentos cotidianos". In: FRANÇA, Vera R. V. e OLIVEIRA, Luciana (orgs). **Acontecimento: reverberações**. Belo Horizonte, Autêntica, 2012.
- VEJA*, 2011. **Revista Veja**. Edição 2212: 13 de abril de 2011.